

Associação Nacional de História – ANPUH
XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

A Política Operária em Minas: rupturas e continuidades

Isabel Cristina Leite*

Resumo:

Com o presente trabalho temos o intuito de analisar a ação da POLOP (Política Operária) principalmente, no estado de Minas Gerais. Tal organização de vanguarda teórica de cunho inicialmente trotskista, viu-se em um dilema em seu IV congresso (1967): Partir ou não para a luta armada? A partir de então, surgiu o grupo COLINA que anos mais tarde se transformou na VAR- Palmares, uma das organizações armadas de grande destaque. O que queremos perceber é em que medida a POLOP deixou seu legado à estas organizações, ou, quando alguns de seus membros acreditavam na ineficácia de sua luta.

NOVA ESQUERDA, MILITÂNCIA, HISTÓRIA ORAL

Summary:

With the present work we have the intention to analyze the action of the POLOP (POLITICA OPERARIA), mainly in the state of Minas Gerais. Such organization of theoretical vanguard of, initially, Trotsky matrix, found itself in a dilemma in their IV congress (1967): Should we initiate a riot with guns or not? From that, the group COLINA was created, later it became VAR-Palmares, years later it was one of the organizations with more prominence. What we want to perceive is up to what extent the POLOP left their legacy to these organizations or when some of its members believed in the inefficacy of their cause.

NEW LEFT, MILITANCY, ORAL HISTORY

No início da década de 1960 assistimos ao aparecimento da “nova esquerda” (new left), que no Brasil entendemos como as organizações e partidos clandestinos surgidos no início desta década que faziam críticas ao PCB ou se opunham a ele. O termo “nova” quer dizer “diferente” e não se opõe a “velha”, no sentido de ultrapassada¹.

Por ser nova, esta esquerda têm características peculiares, destacando-se: a) as diferentes interpretações e práticas políticas que divergiam acerca do caráter da revolução – libertação nacional ou diretamente socialista - orientação revolucionária ou reformista – se pegariam em armas ou fariam trabalho com as massas; b) busca de um modelo internacional - seja o chinês, o cubano ou outro, para a legitimação de suas ações; c) a questão do choque de gerações – se antes do golpe os militantes eram mais velhos, com longa trajetória política geralmente ligada ao PCB na nova esquerda, a média de idade baixa para 20-22 anos; d) a questão da clandestinidade que influenciou muito na dinâmica desses grupos, pois formaram-se microcentros de poder. Segundo Reis Filho e Sá, a fragmentação da esquerda trouxe um saldo positivo: a derrubada do mito do representante das massas, conceito este que “prepara e

* Mestranda Universidade Federal de Minas Gerais. Bolsista CNPq.

¹ REIS FILHO & SÁ. *Imagens da revolução* Rio de Janeiro, Marco Zero, 1985.. pp.7.

justifica a ditadura política contra o povo, embora exercida em seu nome, que é o que se tem visto nos processos de construção do socialismo”².

Nos primórdios da NE, destacam-se três importantes organizações que serão base para demais desdobramentos: PC do B (Partido Comunista do Brasil), POLOP (Política Operária) e AP (Ação Popular). Tais organizações, conforme afirma Ianni, lutavam por preservar a pureza ideológica, afastando-se da política de massas (populista)³. Por mais que essas organizações rompessem com o PCB, não se pode negar que em alguns pontos eram convergentes, como na certeza de que o capitalismo no Brasil não tinha mais saída, e que o latifúndio e o imperialismo participam do golpe militar⁴.

O que nos interessa mais especificamente, é a POLOP. A sigla da organização tem como origem o nome de uma publicação chamada Política Operária, que começou a se difundir no final de 1960. A organização em si surgiu em 1961. O grande destaque da POLOP foi a série de publicações intituladas “*Aonde Vamos?*”⁵, em que se discutiam sobre as possibilidades do caráter socialista da revolução brasileira. Pregavam que o rompimento com a burguesia seria necessário, pois, ao contrário do que o PCB acreditava, ela não tinha potencial revolucionário, mas sim um duplo caráter – um entreguista e outro nacionalista.

Dentre as propostas do grupo estavam a formação de uma frente de trabalhadores, tanto na cidade quanto no campo, e a organização dos “comitês de empresa” dentro de cada local de trabalho, que seriam uma forma de organização autônoma dos trabalhadores, longe de influência de ministérios ou pelegos.

Para esses militantes, o país já estava maduro para a instalação do socialismo e não via meio-termo para sua implantação: reforma ou revolução; socialismo ou imperialismo. Acreditavam na necessidade da formação do partido de vanguarda e que o proletariado constituiria essa vanguarda. Por desenvolverem críticas veementes contra o stalinismo, ficaram conhecidos como trotskystas, mas não era o caso, segundo Daniel Reis Filho, e o entrevistado Jorge Nahas⁶. Já Gorender afirma que a organização reiterou o obreirismo Trotskysta.

A POLOP chegou a ter núcleos regionais em Minas Gerais, São Paulo, Guanabara, Paraná, Rio Grande do Sul, Bahia e Pernambuco. Realizou quatro congressos, sendo este último o decisivo, ocorrido em meados de 1967, pois dele saíram suas dissidências. O grupo de Minas fundiu com o grupo da Guanabara para formar o COLINA e o de São Paulo deu

² Idem. pp.16.

³ IANNI, Otavio. O colapso do populismo no Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. pp108.

⁴ REIS FILHO & SÁ. op cit. pp.18.

⁵ Acervo APM/DOPS. Rolo 048. Pasta: 3832.

⁶Entrevista de Jorge Nahas concedida a autora em 06/01/2006.

origem à VPR⁷ A Política Operária tinha em sua formação grandes intelectuais, o que fez da organização uma grande referência teórica cujo legado foi deixado, em Minas, para o COLINA. Um de seus fundadores de destaque, de acordo com Jorge Nahas⁸, foi Eric Sachs – um quadro de formação da esquerda erudita européia, que militou no partido social-democrata alemão. Segundo Apolo Heringer Lisboa, o pensamento teórico desta organização era mais arrojado⁹. Cláudio Galeno Linhares concorda neste ponto da elaboração teórica, porém é crítico, dizendo não saber se essa teoria era “elaborada para o bem ou para o mal”¹⁰.

De acordo com documento produzido pelo CENIMAR, as reuniões da POLOP aconteciam na cabine do Cine Metrópolis, às terças e quintas, no horário das sete da manhã e nove e meia da noite¹¹.

Em 1961 acontece o primeiro congresso da Política Operária, onde fica clara a contraposição ao PCB e a autodefinição de ser “a única organização que levaria para a esquerda a perspectiva revolucionária”¹². O que não há novidades, como vimos depois, ao passar dos anos cada nova organização que surgia se proclamava a “vanguarda revolucionária”. O problema que tinham, de acordo com o documento, é a dificuldade da organização se consolidar dada o pouco numero de integrantes.

O congresso seguinte, no ano de 1962, mostra um maior amadurecimento da POLOP e uma preocupação latente em sistematizar as ações. Fazem uma autocrítica ao “caráter amadorístico” de sua atuação, mas que em contrapartida, em apenas dois anos, conseguiram se consolidar no campo da esquerda, tendo destaque nos movimentos de massa. Não sabemos ao certo, ainda, se esta atuação foi mesmo de destaque naquele ano, contudo, tendo em vista os planos de organização interna (sistematização das finanças, criação de literatura própria, profissionalização de quadros, maior inserção nas massas), pudemos notar que até 1966, pelo menos, parte dos objetivos foram alcançados¹³. A ênfase se dá na criação da literatura própria pois é a forma mais rápida de difusão das idéias da organização¹⁴. É interessante notar que já neste ano de 1962 a quantidade de novas organizações que proliferam fazem com que a POLOP busque uma identidade própria através de uma ação “inteligente e cautelosa” e como se previsse o resultado do IV congresso, alerta para que não haja nenhuma “tendência

⁷ Cf. REIS FILHO & SÁ. op.cit. pp 89-90; REIS FILHO. op.cit. pp. 34-36; GORENDER. op.cit. pp.35-36.

⁸ Entrevista citada.

⁹ Entrevista com Apolo Heringer Lisboa concedida a autora em 01/04/2005.

¹⁰ Entrevista com Cláudio Galeno Linhares concedida a autora em 10/08/2005.

¹¹ Acervo APM/DOPS. Rolo 048. Pasta: 3832. Imagem:178.

¹² “As tarefas da POLOP”. Acervo DOPS/CEDEM/UNESP. Imagem:0141.

¹³ Vide: *Aonde vamos*, já citado, e *o Piquete*, que será tratado mais ao final do texto.

¹⁴ “As tarefas da POLOP”. Acervo DOPS/CEDEM/UNESP. Imagem: 0144.

liquidacionista” antes da formação do partido revolucionário, o que seria o fim da razão de ser da organização.

A POLOP tinha a preocupação de dar a seus militantes uma base política sólida, com cursos ministrados de tempos em tempos sobre o marxismo-leninismo. Assunto recorrente nos boletins internos da organização eram a leitura de Marx e o estudo da realidade brasileira para a aplicabilidade de tal teoria em situações concretas. A separação das leituras era em três categorias: conhecimento do marxismo (aí figuravam autores como Rosa Luxemburgo, Plekanov, Bukarín, Lefevre ,e claro, Marx e Engels); realidade internacional (Lênin, Sweezy, Barán) e, a realidade brasileira (Prado Junior, Inácio Rangel)¹⁵. Aliado a estes cursos está o “Curso de formação de líderes”¹⁶ que incluía história geral, história do Brasil e análise da realidade brasileira.

Nomes recorrentes, em Minas, que proferiam estes cursos são de Ângelo Pezzuti e Jorge Nahas, que serão de importância na formação e ação do COLINA. Tais cursos eram uma forma de recrutar quadros mais dedicados, para fazer parte de “algum movimento mais organizado”¹⁷. Outros instrumentos originários da POLOP em Minas e herdados pelo COLINA foram o Centro de Estudos da Medicina (CEM) e o Piquete.

O CEM¹⁸ foi criado no início dos anos 60, como forma de resistência não institucional, uma vez que o Diretório Acadêmico da escola de medicina da UFMG estava fechado em razão de algumas manifestações ocorridas ao seu redor. Era uma forma legal de discutir os problemas brasileiros num ambiente onde havia o cerceamento do diretório acadêmico, e as organizações e partidos estavam clandestinos¹⁹. Para além das questões da categoria, debatia-se sobre todos os temas da época: o poder negro dos EUA, a guerra do Vietnã, cultura popular, etc. Mais que isso, o CEM serviu como centro de disputa com outras tendências do movimento estudantil (ME) e organizações, principalmente com a AP, que tinha grande aceitação dentro do ME. Grande parcela dos quadros da POLOP, que faziam parte do CEM, migraram para o COLINA. Em 1967 – ano da grande cisão- ele estava funcionando a todo o vapor. Tal foi a importância do Centro que chegou a ser denominado de “4º célula” pela “repressão”²⁰.

¹⁵ Boletim 02. Acervo DOPS/CEDEM/UNESP. Imagem : 148.

¹⁶ Curso de formação de líderes. Acervo APM/DOPS. Rolo:048. Pasta 3832.

¹⁷ Entrevista com Maria José Nahas concedida a autora em 11/01/2002 e com Jorge Nahas em 06/01/2006.

¹⁸ Cabe aqui uma observação. Em São Paulo, os militantes da POLOP almejavam criar um “Centro de estudos de ação política”. Cremos que a finalidade deva ser a mesma que o CEM, só que de uma maneira mais clandestina. Não obtemos mais informações que esta. Cf. “Política Operária – o que é?”. Acervo DOPS/CEDEM/UNESP. Imagem:0138.

¹⁹ Entrevista de Apolo Heringer Lisboa à autora em 01/04/2005.

²⁰ Relatório referente ao COLINA. Acervo DOPS/MG - APM. Rolo 1: Pasta 15. Imagem 2381. De acordo com o relatório, o grupo era composto por 3 células: coordenação de informações; terrorismo e expropriação. Porém

Já o *Piquete* foi o elo da POLOP com a pequena base operária que possuíam. Era um jornalzinho de tiragem regular circulante principalmente nas regiões de Contagem e Betim, como forma de divulgação e “cartão de visitas” dos militantes no interior do Estado e nos meios operários. Falava das questões que envolviam a realidade operária- como as greves, e denunciavam as políticas contra os trabalhadores. Teve uma significância maior durante a greve de Contagem em 1968.

Sendo a POLOP uma organização bem fundamentada, por que o seu rompimento?

“A gente rompeu com a POLOP porque a POLOP não admitia a possibilidade da luta armada imediatamente. Colocava em tese. Como todas as outras organizações. Tanto assim que nessa época o Partido Comunista sofreu rupturas profundas, a AP também, um grupo forte da AP foi pro PC do B fazer guerrilha.”²¹

Uma vez que as possibilidades legais de luta estavam cerceadas, a conclusão de parcela da esquerda foi de que só se podia enfrentar o regime diretamente pelas armas, com o uso da violência revolucionária já provada por Cuba que poderia ser eficaz.

Meses antes do lançamento oficial do IV programa que seria a diretriz da POLOP (este datado de setembro de 1967) já pairava um clima de descontentamento entre quadros no interior da organização. Como um dos documentos que combate este programa é datado de agosto de 1967, creio na hipótese do conhecimento do programa por parte de Ferdinando Machado, membro da POLOP, antes de sua divulgação à “grande maioria” de militantes da organização. A primeira parte do documento escrito por Machado, é dedicada a recriminar a atuação de Ernesto Martins²², considerado um dos respeitados intelectuais da organização. Segundo Ferdinando Machado, o que estava ocorrendo dentro do grupo era um cerceamento e desqualificação dos “companheiros” que questionavam as orientações de Martins, taxando-os de pequenos burgueses (o que representava um demérito aos olhos dos revolucionários). A POLOP estaria se tornando uma seita, presa ao passado de “vanguarda ideológica”, educadora da massa, que não cabia mais naquele momento. Além disso, a organização não assumia seus erros, por exemplo, no caso dos “comitês de empresa”, apesar de se terem mostrado ineficientes foram utilizadas como palavras de ordem. Enfim, o documento é uma crítica

em entrevista e demais documentos, existiam desdobramentos destas, o que levaria à existência de outras que serão mostradas ao longo do texto.

²¹ Entrevista Jorge Nahas à autora 06/01/2006.

²² Um dos fundadores da POLOP, que faleceu recentemente. Seu nome real era Eric Sarchs. Cf. Entrevista Jorge Nahas em 06/01/2006.

importante à vaidade e à falta de conhecimento da realidade dos “intelectuais da revolução”, na pessoa de Ernesto Martins.

O ponto central deste documento é a análise e diferenciação do que seria a “vanguarda ideológica” e a “vanguarda política”. A primeira trata do que seria a POLOP naquele momento, como afirma Machado, onde os “socialistas de cátedra” ficariam na doutrinação da classe operária esperando que, através de seus ensinamentos, ela se conscientizasse de seu papel revolucionário e se insurgisse. Essa idéia já estava por demais ultrapassada naquele momento. A necessidade era da formação da “vanguarda política”, essa sim, no entender de Machado, seria a que realmente levaria a cabo a revolução. Era momento de tomada de atitude e “era preciso apresentar às massas uma perspectiva imediata de ação”²³. Antes do golpe era possível ser vanguarda ideológica sem ser política; depois disso, com a maior radicalização das esquerdas, precisou-se da prática para que o movimento operário saísse da “inércia”. O significado da defesa da luta armada, para Machado, é a educação da classe operária pela prática.

A POLOP realizou na segunda metade do ano de 1967 seu quarto congresso, em Santos. Tanto nos documentos da organização quanto nos depoimentos, fica claro que o principal motivo do rompimento com a POLOP foi a defesa de alguns à adesão à luta armada imediata. Para estes dissidentes não bastavam mais reflexões teóricas, havia necessidade de agir.

Tais “revolucionários rompidos com a POLOP” queriam a formação de uma vanguarda militar inspirada nos focos guerrilheiros, para o enfrentamento armado à ditadura. Muito desta influência veio da revolução cubana e da chegada da obra *A Revolução na Revolução* de Régis Debray, nas mãos destes militantes em meados de 1967. Em oposição a essa vanguarda militar estava outra, que era a vanguarda teórica que “ensinaria a classe operária a se organizar”²⁴.

“Programa socialista para o Brasil”²⁵ é a resolução do IV Congresso. Os pontos principais do debates desta época estão contidos nesse documento. A análise do capitalismo estagnado no Brasil, a necessidade de se formar o partido do proletariado para a instalação da *ditadura do proletariado*, a proposta de criação de uma frente de trabalhadores da cidade e do campo, a formação dos “comitês de fábrica”, e a proposta da adesão de setores militares das

²³ Cf: Vanguarda política e vanguarda ideológica. 12 de agosto de 1967. Acervo DOPS/MG no Arquivo Publico Mineiro. Rolo 2 Pasta 16 sub 2. Imagem: 207.

²⁴ Entrevista de Guido Rocha. Fita 3 lado A. pp.1. Concedida a Maria Eliza Borges e Marcelina das Graças de Almeida em 11/11/1991. Acervo do programa de História Oral da UFMG.

²⁵ Programa socialista para o Brasil. setembro de 1967. In: REIS FILHO & SÁ. *Imagens da Revolução*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1985. pp. 89- 116.

baixas camadas. Para os militantes da organização, o governo dos trabalhadores seria de transição. O que se pode notar no documento é que há apontamentos mais radicais nas propostas da POLOP, uma vez que há o reconhecimento da guerrilha como forma de luta na formação de uma “Frente de esquerda revolucionária”. “O fato consumado da guerrilha elevará o nível da luta, apressará a unificação das forças da esquerda revolucionária e a constituição do partido revolucionário da classe operária”²⁶. Este programa apresenta uma certa abertura, em tese, às novas idéias radicais dentro da organização, mesmo que não haja total apoio a elas.

A resposta dos dissidentes a esse programa foi imediata. Datado da mesma época que o “Programa”, “Carta aberta aos revolucionários” mostra a que veio esta nova organização. Para os revolucionários rompidos, a POLOP estava numa reprodução de discurso europeu que não cabia na realidade da luta brasileira e se denominava a “vanguarda ideológica” com suas consideradas falsas concepções e frases feitas. Outra crítica que os dissidentes fazem é que a POLOP acreditava que devia-se educar a classe operária com a utilização de “artifícios de propaganda” para incutir-lhes a consciência socialista, contudo, como vemos adiante, essa estratégia será defendida, mais tarde, pelo COLINA.

O ponto alto do documento é que marca bem a posição defendida até o fim da organização é a parte em que se aborda a questão da luta armada como “forma fundamental de luta de classes na atual conjuntura – que terá que ser centralizada no campo, sob forma de guerra de guerrilhas”²⁷, sendo esta uma forma de organizar a classe operária para acabar com o regime.

Guido Rocha, um dos mais antigos militantes que participou desde o início da POLOP e da formação do COLINA acredita que, naquele momento, o problema da POLOP estava em discutir problemas táticos de luta, quando a questão era política. Segundo o entrevistado, seu questionamento era “luta armada pra quê, pra conquistar o quê?”²⁸. Ele chegou a apoiar a luta armada, mas em defesa de uma Assembléia Constituinte (pois o problema, em seu entendimento, estava no âmbito da legitimação do poder). Para tal objetivo era preciso uma preparação para o ingresso nesta forma de luta, não a sua deflagração sem projetos.

Ainda não sabemos o qual o destino da POLOP após 1967. Em Minas transfigurou-se nos Comandos de Libertação Nacional, grupo este, um dos pioneiros na prática da luta armada no país, mas que teve vida curta, durou somente o ano de 1969. O COLINA soube,

²⁶ Idem. pp.116.

²⁷ Carta aberta aos revolucionários. Setembro de 1967. Acervo DOPS/MG no Arquivo Público Mineiro. Rolo 2 Pasta 16 sub 2. Imagem: 13.

²⁸ Entrevista citada. Fita 2, lado B. pp 18.

dentro das possibilidades, dar continuidade à tradição de discussão que havia na POLOP, mas com a ousadia das ações armadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

DEBRAY, Régis. *A revolução na revolução*. São Paulo: Centro de Estudos Latino Americano, s.d.

FERREIRA, Marieta Moraes. (coord.). *Entre-vistas – Abordagens e uso da História Oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1994.

____ & AMADO, Janaina.(org.) *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro, FGV, 2000.

IANNI, Otavio. *O colapso do populismo no Brasil*. Rio Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

PANDOLFI, Dulce. *Camaradas e companheiros: História e memória do PCB*. Rio de Janeiro: Relume Dumara, 1995.

REIS FILHO, Daniel A e SA, Jair Ferreira (org.). *Imagens da Revolução*. Rio de Janeiro, Marco Zero, 1985.

____. *A revolução faltou ao encontro*. São Paulo, Brasiliense, 1989.

RIDENTI, Marcelo. *O fantasma da revolução brasileira*. São Paulo, Unesp, 1993..

SADER, Emir. Cuba no Brasil: Influências da revolução cubana na esquerda brasileira. IN: REIS TOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992